



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

A LINGUAGEM-CORPO DA VOZ NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Susanna Busato (UNESP)
(FAPERP/n.089/2016)

Resumo: A experiência performática do discurso poético é o caminho trilhado nesta reflexão que procura perceber na linguagem do poema o corpo do sujeito que fala. Sua voz, nessa perspectiva, é ouvida como linguagem de uma busca, de um enfrentamento, de uma viagem. A poesia é lida como urgência, como um discurso que transita, toca no corpo de outras vozes que ressoam e reverberam outros tempos e outros espaços. Na poesia de *A Voz do Ventriloquo* (2012), de Ademir Assunção (Prêmio Jabuti de Poesia 2013), procuro perceber os referentes que protagonizam uma descida aos infernos e o sentimento de enfrentamento frente aos níveis de representação da realidade presentes nas imagens. Estas nos remetem às referências simbólicas dos objetos, frente às quais a voz crítica do Ventriloquo narra/descreve a descida aos infernos dessa realidade ficcionalizada da vida. Nela percebo a ousadia de ironicamente dizer, na abertura do livro, que “poetry is dead”. Matar a poesia assim logo na abertura é um gesto performático que se posiciona para construir uma poesia que se impõe como memória de si mesma e como espiral difusa de uma voz, a do Ventriloquo, que ronda e sonda dentre tantas outras vozes as que de alguma forma elucidam ou alucinam o sujeito na sua memória, no seu presente de busca, na sua crítica ao mundo dilacerado pelo capitalismo, pela violência da guerra e pela ambição dos homens que detêm o poder. Da cultura pop dos quadrinhos, do rock e do blues, à tradição clássica dos gregos e dos menestréis da cultura marginal dos anos 70, a obra emerge como de um abismo de resíduos dos quais irá captar as tensões e as zonas de força das relações éticas e estéticas que formam na sociedade o tecido de uma voz que se ergue como um corpo-linguagem a ser visitado e sentido pelo leitor.

Palavras-chave: poesia contemporânea, voz, Ademir Assunção.

O objetivo desta investigação é compreender como o poema inaugura na linguagem um espaço discursivo que opera procedimentalmente a imagem do corpo e da voz do(s) sujeito(s). A obra *A Voz do Ventriloquo* (2012), de Ademir Assunção, Prêmio Jabuti de Poesia de 2013, passa a ser lida aqui como um lugar onde a voz¹

¹ “Voz” aqui está num dos sentidos que entende Paul Zumthor (2014): como uma subversão, lugar possível de um dizer, uma ruptura da clausura do corpo. É um falar que habita a linguagem. Nesse sentido, a voz que fala nos poemas habita um espaço que é o da linguagem do mundo, uma vez que se alimenta das referências do mundo, dos acontecimentos e das referências da literatura. É uma voz que tem

enquanto instância performática de um desejo e de um sentir inaugura uma linguagem que teatraliza a ronda e a sonda de outras vozes que elucidam e alucinam o sujeito na sua memória, no seu presente de busca, na sua crítica ao mundo dilacerado pelo capitalismo, pela violência da guerra e pela ambição dos homens que detêm o poder. Nesse contexto, procura-se perceber e perseguir o deslocamento do sujeito, seu corpo no espaço como experiência, como descentramento, como procura (de si e do outro). Talvez aqui a ideia de “errância” não seria demasiada, no seu alcance semiótico, ou seja, como “arquitetura da paisagem”, de “transformação simbólica”, como leio em Francesco Careri (2014, p. 10). O conhecimento a que se lança o sujeito nesse caminhar, nessa tentativa de, geograficamente até, percorrer o espaço do outro para encontrar em si (ou encontrarmos em nós) o humano perdido (ou o inumano presente), emana de um adentrar as coisas, esse espaço urbano que o inaugura e que se torna objeto de sua crítica, esse lugar cultural no qual se encontram em choque e em diálogo permanente as linguagens da cultura (o pop, a mídia impressa e televisiva, a música, a esfera sócio-política do discurso, as artes plásticas, a literatura, os mitos, etc). É no percurso de uma sintagmática do corpo e do olhar que desejo traçar as linhas do discurso que performatizam as vozes da poesia brasileira contemporânea.

Começo por dizer que a linguagem da poesia é um corpo. Um corpo tramado de signos. Não são apenas as palavras que se alinham na sintaxe e dirigem os sentidos. Há nas palavras uma pele elástica, fibra que se tece dessa dimensão porosa que é o tempo. Nos seus vãos a memória de seu corpo é retecida em curvas. Ouvem-se de seu corpo os sopros de vida: uma voz que reverbera a ditar em mosaico outras vozes carregadas no ventre.

Na obra *A Voz do Ventríloquo*, o ventríloquo surge como imagem desse corpo que reverbera o que os versos de “O Pântano” (Assunção, 2012, p. 57) apresentam: “há uma serpente enrodilhada nas ramagens / do poema”. A serpente-poema se autodevora num processo intencional, de busca, de uma procura no seio da própria poesia e da história humana de seus traços de tempo. Uma poesia, eu diria, asseverada como experiência de um fim e de um princípio para as coisas, a partir dos choques, dos gestos violentos desferidos na linguagem imagética do livro, que apontam para a consciência das “ciladas, armadilhas, areias movediças / no pântano [...] do poema”, sendo que, a

a escuta do outro (a literatura) e a traduz para o seu discurso. É no nível da enunciação que a voz se atualiza.

partir daí, “um monstro de folhagens está pronto para emergir [...] ao simples toque / da sineta de Pã”.

A imagem da serpente é pensada por Paul Valéry, em seus *Cahiers*, como uma imagem para o movimento de descoberta da poesia, a da serpente que come a própria cauda. Seu fim é o seu princípio, o retorno. A poesia: um oroboro. Diz Valéry (*apud* Campos, 1984, p.113) que

é só depois de um longo tempo de mastigação que ela reconhece no que ela devora o gosto de serpente. Ela para, então... Mas ao cabo de um outro tempo, não tendo nada mais para comer, ela volve a si mesma... Chega então a ter a sua cabeça em sua goela. É o que se chama “uma teoria do conhecimento”.

Como linguagem, pois, a poesia é um corpo que se autodevora, um “nascemorrenasce”, como bem concretamente Haroldo de Campos representou na sua serpente ao modo de uma fita de Moebius... Um devorar-se, pois, de suas próprias intestinações. “Flor é a palavra / flor!”. “Uma rosa é uma rosa é uma rosa é uma rosa.” O dado concreto como a romper com a ilusão mimética do signo. Michel Collot (2004, p. 167) afirma que é “pelo corpo que o sujeito se comunica com a carne do mundo, abraçando-a e sendo por ela abraçado”. Sua voz é a instância performática da poesia. É a criação de um espaço virtual que coloca em cena o sujeito em relação ao mundo e seu imaginário. Paul Zumthor (2014) chamará de teatralidade a esse espaço de representação cuja cena está inserida no contexto de um plano de significação comum entre o sujeito e o acontecimento, ou melhor, a performance. No espaço da teatralidade, o sujeito receptor reconhece a encenação e muitas vezes se percebe cúmplice, pois reconhece no estranho o familiar ao conectar as referências. O riso, o horror, a sensação de *nonsense*, tudo isso concorre para uma participação: o corpo do poema, sua linguagem, e o corpo do sujeito, sua percepção.

A voz, para Paul Zumthor (2014, p. 82), “é uma coisa”. Sua materialidade revela o corpo que a reverbera: um corpo-linguagem que articula os signos da cultura que a habitam. “A voz repousa no silêncio do corpo”, afirma Zumthor (2014, p. 82). E mais: ela emana dele e depois volta. “Nesse lugar em que a voz se dobra nela mesma, identifica-se com o sopro, de onde tantos outros simbolistas, recolhidos pelas religiões: o sopro criador, *animus, rouah*; a voz como poder de verdade”. O ventríloquo é aquele que fala pelo ventre, de dentro, como se calado estivesse, um fingidor que oculta de fato sua voz no outro, como se dele fosse.

Nesse jogo de ocultar/revelar arma-se a voz que se performatiza como desejo: ungir-se num agora, dimensão da urgência da poesia que se enuncia como uma cápsula do presente, constitui-se como ação poética, movida pois pela consciência da incerteza de tudo num mundo de mudanças, como bem iluminam os versos de “A praia de Heráclito” (Assunção, 2012, p. 33):

entre folhas ondas brisa e bruma
tardes quentes tardes frias
dias passados dentro dos dias

deixo por aqui o meu passar

nunca o mesmo rastro no mesmo lugar
nunca mais essa lua minguante
chegando bem devagar

Não por acaso é Heráclito (de Éfeso, 535 a.C. – 475 a.C.), o filósofo da dialética, que nomeia o gesto transitório do sujeito que sabe que o “esquecimento será eterno”, exceto o instante que se vive, único que marca o conhecimento da fluidez das coisas. Assim, pois, marcam os versos do poema-prefácio ao livro, nos quais se percebe a assinatura retórica do poeta maldito, que encena a performance de seu tempo histórico, em nota dramática:

*talvez cinco ou seis destes poemas
prosperem na eternidade
talvez mais, talvez nenhum*

já o esquecimento será eterno

*exceto o instante, este istmo, este agora
que se grafa na pele, na palma, na pálpebra
e se esgarça no mar do espanto*

Perceber na linguagem dos poemas de *A Voz do Ventriloquo* o corpo do sujeito, é compreender na sua voz as molduras da poesia e a performance de seu movimento, sua “escrita caligráfica” (Zumthor, 2014, p. 71). Isso porque o sujeito é uma instância da linguagem que se dobra sobre si mesma na tentativa de construir uma percepção particular do mundo, ou seja, um *olhar*, ação que conecta o ver com a percepção; ação que ultrapassa a mera decodificação; ação de natureza cognitiva. Essa “percepção particular” não se traduz como “intimista”, mas como singularizadora do universal,

porque vai ao mundo num movimento dinâmico de devoração crítica. A voz é, pois, o lugar enunciativo do sujeito como corpo (e aí se traduz em linguagem) e como consciência, uma vez que seu olhar emerge como “sopro criador”. Caligrafar essa busca pela voz que vem de dentro do ventríloquo é o objetivo da poesia de Assunção nesse livro. A imagem do “anjo caído”, recorrente no livro, pode ser pensada aqui como o lugar da voz que irá performatizar essa viagem por dentro, a partir do ventre, esse lugar simbólico do mundo do qual vertem os elementos da memória. Recorro a Merleau-Ponty (2009, p. 23) neste momento, quando nos recorda de que o pintor Paul Cézanne afirmou certa vez. Dizia ele que “a natureza está no interior”, ou seja, o invisível apenas se dá a ver para o sujeito que se lança a uma busca: desentranhar das referências do mundo aquilo que se situa no âmbito das relações entre o corpo e o olhar. Nessa busca, afirma Merleau-Ponty, “qualidade, luz, cor, profundidade, que estão ali perante nós, só lá estão porque despertam um eco no nosso corpo, porque ele as acolhe” (Merleau-Ponty, 2009, p. 23). O olhar do sujeito (seu corpo e seus sentidos) se expressa por meio de um penetrar o outro para desentranhar dele algo que pertence à esfera do próprio sujeito, sua humanidade perdida. Para isso procede a um movimento desreferencializador dos objetos, para torná-los estranhos, para que o encontro com o que se acredita ausente seja possível. Desreferencializar os objetos, torná-los, pois, estranhos, é uma ação poética que nasce justamente da falta, do desejo de procura por aquilo que não se dá a ver. É um movimento que concebe os objetos a partir de um habitá-los por dentro, o que irá gerar uma ação instauradora da voz, que performatiza e dá presença à linguagem. Será também o prisma pelo qual esta minha pesquisa buscará nutrir-se na sua aventura ao mergulhar no abismo da poesia do agora.

O poema “O olho azul do mistério” (Assunção, 2012, p.13-4) encena a “descida aos infernos”. É no corpo e com o corpo que se percebe a performance do desejo, sua pulsão de natureza beligerante e violenta, de enfrentamento. Não há sentimentalismos, mas um combate objetivado. Assim é que as referências urbanas, da linguagem dos quadrinhos, da poesia, da música, das manchetes de jornais, dos acontecimentos mundiais, dos objetos da era industrial e tecnológica, da religião, dos mitos, enfim, fazem parte de uma floresta de signos que encenam uma saga.

O “olho azul do mistério” esconde a fera cujos lábios o sujeito deseja beijar: puro enfrentamento. Sua busca o impele para uma descida aos infernos.

desço dos céus para beijar
os lábios quentes da fera – desço,
vejo dragões pastando na grama
azul, incêndio nas cortinas
dos apartamentos – desço,
escuto um coro de crianças
bêbadas, vozes batendo no casco
do navio fantasma ancorado
no Cais da Última Utopia – vejo,
sinto na pele os dedos de uma androide
aflita, quase em pânico, mãos
de neblina, pálpebras que se fecham
toda vez que toco o bico dos seios – escuto,
encaro olho no olho o olho
do Grande Gavião Terena, leopardos
lambem o leite da Via Láctea, saltam
com garras envenenadas sobre
as penugens de Vênus, penetram
o cu da lua, pregas se rompem,
espelhos se estilhaçam e rasgam a carne
dos banqueiros que sugam o vinho
da vida com canudinhos cedidos
pelo senhor McDonald – [...]

Esse impenetrável da realidade, esse “de dentro das coisas” que emerge na experiência do olhar é um espaço que se descobre sem compreendê-lo: é úmido, aquoso, onírico, indefinido, movente. Sua descoberta passa pelo corpo:

sinto,
e por isso escrevo, e por isso deixo aqui
palavras escritas na água, na carne
dos que sofrem, escrevo com sangue, escrevo
com porra nas paredes das salas
iluminadas com a luz monótona dos aparelhos
de televisão, escrevo com mijo nos muros
das cidades do Ocidente, convoco hidras,
provoco tumulto, estrelas sentam-se no sofá
e tomam café marroquino, os sentidos
mixam o onde e o quando na câmara
oca de ecos, a pele se arrepia, relógios
praticam saltos ornamentais em piscinas
vazias, neve ao redor dos cabelos, chove
na terra inteira, dedos de açúcar tocam
a escama dos peixes, o corpo todo presente
a presença de um deus, e você finalmente encara
o úmido olho azul do mistério

Ademir Assunção (*A Voz do Ventríloquo*, 2012)

É um olho no olho. Não sei se é um “dente por dente”, mas com certeza é a carne de um penetrando a carne do outro e devorando da cultura seus traços. Um procedimento antropofágico, de devoração crítica das sobras, afinal, o poeta é um esgrimista, pois ao caminhar ao encontro com as referências do mundo, exercita o seu olhar, luta com as referências, que se trançam na ponta de seu florete/serpente. Seguir em frente é o destino desse sujeito, que desce aos infernos, sedento e faminto, para colher o que resta do mundo incinerado e em estado de bancarrota. Ele não sucumbe. Desolado e só, num mundo que segue para o centro de um imenso SOS, como sugere o poema de Augusto de Campos, esse sujeito segue em frente vociferando a voz que vem do ventre do ventríloquo, vencendo as sete noites registradas nas páginas de seu Diário, desse inferno que se abre. A poesia, pois, emerge justamente daí, dessa consciência do caos e desse mergulho necessário. É assim que o sujeito se autoneomeia, portanto: um “Orfeu nos quintos dos infernos”, título do poema que transcrevo abaixo:

pra saber quem eu sou
preciso descer até o inferno

lá encontro o Homem do Nariz de Ferro
o mais tenebroso dos internos

jogo pôquer com o rei das profundezas
e com o escroque especialista em safadezas

vejo o velhaco encurralando a vil marmota
e o desespero do banqueiro em bancarrota

lá eu vejo a queda do império de ilusão
quem banca o esperto logo sai sem um tostão

e quando volto do inferno, quase em farrapos
sou invencível, sou fogo sobre a relva

eu sou o matrimônio da luz e da treva

eu sou o barco e o barqueiro
o alvo, a flecha e o arqueiro

eu sou a mandíbula do tubarão
e o grito de dor do surfista

a mentira na manchete do jornal
e a bomba do atentado terrorista

eu sou a faca que atravessa
o peito do político traidor

e as ruínas queimadas do templo
do vigarista mercador

eu sou poeta e sigo em frente
em linhas tortas

eu não lido com palavras mortas
(ASSUNÇÃO, 2012, p. 48).

Referências:

ASSUNÇÃO, Ademir. *A Voz do Ventriloquo*. São Paulo: Edith, 2012.

CAMPOS, Augusto de. *Paul Valéry: a serpente e o pensar*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução de Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.

COLLOT, Michel. O sujeito lírico fora de si. Tradução de Alberto Pucheu. In: *Revista do Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura*. Ano IX, no. 11, 2004, p. 165-177.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. 7ª edição. Tradução de Paulo Neves. Lisboa: Vega, 2009 (Coleção Passagens).

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.